

Resumo A8 - A Parte de Baixo da Sociedade Brasileira

José Luís Toso; Pedro Forti; Priscila de Oliveira; Anna Porto; Luan Pinheiro

Jessé Souza por meio de seu artigo "A parte de baixo da sociedade brasileira" expõe e defende a tese de que as classes populares no Brasil são praticamente invisíveis e mal compreendidas. Seus dois estudos empíricos resultaram em dois livros: *A Ralé Brasileira, quem é e como vive e Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora*. Por meio desses livros, foram examinadas as práticas sociais e institucionais e os efeitos em torno do abandono da maioria esmagadora da população brasileira. Também foi analisada a extraordinária capacidade de luta do chamado "povo brasileiro".

Patrimonialismo e racismo de classe

O autor destaca a revolução simbólica do Brasil moderno representada pelo pensamento de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque. O primeiro é o grande precursor da inversão da ideia negativa do negro e do mulato. Seu olhar permite a substituição do "racismo científico" pela tomada do mestiço como símbolo do povo brasileiro (a mestiçagem tornando-se o trunfo para a nossa civilização tropical). Sua tese considera a miscigenação como meio positivo para englobar um papel favorável das três culturas centrais do povo brasileiro.

O ponto de partida da formação dessa nova identidade cultural está no racismo norte-americano, criando uma "Fantasia compensatória". Se o norte-americano é rico e civilizado, nossa "generosidade e humanidade" compensa nossa civilização. Porém, Jessé Souza considera que esse posicionamento é apenas uma criação de mitos com uma pitada de "charminho científico", pois a enorme desigualdade brasileira não permitiria pensar numa democracia racial tal como sugere Freyre. De todo modo, é a partir de Freyre que a ciência social no Brasil coloca o personalismo e o patrimonialismo como bases da cultura brasileira.

Idealização ingênua dos EUA

A idealização dos EUA como terra da eficiência, da racionalidade e da incorruptibilidade começa a partir do pensamento de Sérgio Buarque. Seguindo esta linha de pensamento, intelectuais como Raymundo Faoro, Simon Schwartzman, Fernando Henrique Cardoso, entre outros, simplificam essa tese e equalizam as virtudes norte-americanas às virtudes do mercado. Assim, vinculam os vícios brasileiros à suposta influência do Estado na vida social brasileira, tomando este último como causa de todos os males do país.

A ideia de que o mercado é o reino de todas as virtudes e o Estado o oposto é frágil e descabida, uma vez que ambos formam um sistema interdependente. Além disso, é o mercado internacional que fraudava e corrompe, o que é ilustrado com o caso recente em torno dos bancos norte-americanos. Essa imagem vendida dos EUA é absorvida pela maioria dos intelectuais brasileiros. Então, como não existe dominação eficiente se o oprimido não incorpora como sua a visão do opressor, essa dominação torna-se completa. Então, argumentos em torno da modernização norte-americana são construídos para defender a tese do mercado virtuoso e do Estado ineficaz.

Esse pensamento gera o “racismo de classes”, contra as classes mais populares, fazendo uma relação seletiva da “ética”. A visão predominante só foca na corrupção no âmbito do Estado. Como as classes populares apoiam, em grande medida, uma importante participação do Estado na vida social, são tidas como “antiéticas”. Além disso, as classes superiores, que são liberais, querem comprovar a superioridade moral de tipo norte-americano do mercado desenfreado, procurando justificar o seu domínio no país.

A assim chamada “Nova Classe Média”

Os emergentes são a maior novidade econômica, social e política do "Brasil bem-sucedido" dos últimos anos, Mas além de ainda desconhecida, essa classe sofre muito preconceito. Quando se classifica os emergentes como classe média, pretende-se dizer que o Brasil está se tornando um país de primeiro mundo, onde as classes médias, e não os pobres, formam o grosso da população, o que está longe de ser verdade.

Os “batalhadores” se assemelham a uma classe trabalhadora precarizada, típica do contexto social pós-fordista, sem direitos e garantias sociais, que trabalha de 10 a 14 horas ao dia, estuda à noite e faz bicos no fim de semana. O crescimento econômico do Brasil, impulsionado pela ascensão econômica e social desta nova classe social, beneficiou tanto os setores superiores e privilegiados quanto os setores populares.

Para o autor, esta classe não se assemelha as classes medias privilegiadas e estabelecidas, sendo necessário compreender o contexto histórico no qual ela ascende socialmente. Para Souza, convém discutir a meritocracia que assegura privilégios, justificados por uma visão segundo a qual o mérito é fruto do desempenho extraordinário individual. Entretanto, é de fato resultado de uma série de privilégios que o indivíduo possui desde o nascimento, incluindo tempo livre para se dedicar a tarefas e conhecimentos valorizados.

Os emergentes, normalmente trabalham desde cedo, estudaram no ensino fundamental em escola pública e, no ensino médio, tiveram que conciliar trabalho com os estudos, no período noturno. Esta rotina seguirá, quando tanto, até no ensino superior, geralmente em faculdades particulares, com muitos sacrifícios em busca de uma vida melhor. Eles se assemelham mais a classe trabalhadora do que a classe média. Porém, ao contrário da chamada "ralé", têm sólida ética do trabalho e perspectiva de futuro, fruto de uma família relativamente melhor estruturada, ainda que pobre, e de uma socialização religiosa tardia. A propósito, suas religiões são pouco compreendidas pelas classes medias.

A “ralé” de desclassificados e abandonados sociais

A sociedade brasileira construiu uma classe de abandonados e desclassificados, sem qualquer chance de participação na competição social. Existe uma luta que leva à exclusão de uma parcela considerável da população pelo abandono social e político. Esta classe excluída dificilmente incorpora conhecimento útil para participar no mercado econômico competitivo, podendo, assim, ser explorada como mão de obra barata, de modo a poupar tempo das classes médias e altas para se dedicarem a estudos e trabalhos prestigiosos e rentáveis. Quando essa classe chega ao noticiário, é quase sempre pela oposição bandido-polícia, despolitizando os conflitos sociais, e criando estigmas contra os mais fracos.

A pesquisa empírica permitiu “reconstruir” o sentido da vida em condições extremas de exclusão social em que vive cerca de 1/3 da população brasileira. Nesse âmbito, adquire todo o sentido a reflexão desenvolvida por Axel Honneth da importância das relações afetivas e emotivas familiares como pressuposto para o exercício de toda função política, seja como produtor útil ou seja como cidadão. O abandono social e político das famílias marcadas pelo cotidiano da exclusão parece ser o fator decisivo para a reprodução indefinida dessa classe social ao longo do tempo.

Outro fator fundamental ligado ao problema discutido acima é o não aprendizado de habilidades e capacidades fundamentais para a apropriação de capital cultural de qualquer tipo. Nas pesquisas em questão, era muito comum a observação de que, quando crianças, estas pessoas em situação de abandono social ficavam fitando o quadro negro durante horas sem nada aprender. O problema em jogo era a ausência da incorporação afetiva da “capacidade de se concentrar” algo que os indivíduos de classe média tendem a perceber como uma “habilidade natural”. Como faltavam exemplos afetivos em casa, essa capacidade ou disposição a se concentrar não era desenvolvida.

Como nunca se vê o pai lendo um jornal, mas apenas fazendo serviços braçais e brincando com os filhos com os instrumentos desse tipo de trabalho, que tipo de sucesso escolar pode-se esperar dessas crianças? Ou quando a mãe os instava para estudar, dizendo que apenas a escola poderia mudar a vida para melhor, que efeito possui esse tipo de exortação se a própria mãe, que havia passado algum tempo na escola, não havia conseguido mudar a própria vida? Percebe-se claramente que não são os “discursos” proferidos da boca para fora, mas são apenas as “práticas” sociais efetivas, moldadas por exemplos efetivos, os verdadeiros instrumentos de mudança individual e social.

A instituição escolar pública passa a ser marcada pela má-fé institucional, no sentido que Bourdieu e Foucault utilizam esse termo, de tal modo que prometem a redenção dessa classe pela educação enquanto, na verdade, possibilitam transformar, com o carimbo do Estado e anuência de toda a sociedade, o abandono social em “culpa individual” de alunos supostamente burros e preguiçosos. Constrói-se a partir disso um contexto onde tanto na dimensão das práticas institucionais de todo tipo, sejam elas policiais, médicas ou escolares, o desvalor objetivo dos indivíduos dessa classe despossuída existencial, moral e economicamente é reafirmado cotidianamente.

Pobres Honestos

Constata-se um verdadeiro abismo entre os chamados “pobres honestos” (aqueles que aceitam vender sua energia muscular a preço pífio) e aqueles chamados de “pobres delinquentes” (aqueles que se revoltam reativamente de modo pré-político contra a estrutura que os condenam). Essa diferença é muito importante e decisiva na ralé pesquisada. O drama cotidiano da maioria da ralé se associa precisamente ao tema da “honestidade”. Esta aqui permite escapar do destino de bandidos ou bêbados para os meninos ou do destino de prostituta para as meninas.

Com isso se constrói uma divisão virulenta dentro dessa classe o que torna difícil qualquer tipo de solidariedade interna. A hierarquia valorativa dominante, que pode ser exposta nos termos da oposição “digno”/“indigno” não só transfere a culpa da “indignidade” de todos ao próprio

indivíduo, mas também quebra e separa a classe como um todo. Assim, cada família, cada vizinho e, no limite, cada indivíduo faz parte de um dos lados de dois inimigos irreconciliáveis.

O “moralismo seletivo” da tese do patrimonialismo não vê qualquer problema “ético” na reprodução de abandonados sociais. Esta classe não está, entretanto, “condenada” para sempre. Parte dela pôde ascender socialmente nos últimos anos, ainda que certamente sua redenção efetiva exija muito mais que estímulos econômicos passageiros. Seria para uma mudança mais profunda necessário uma reforma das ideias e dos espíritos no Brasil. O debate de ideias é a primeira trincheira do debate público verdadeiramente comprometido com a mudança estrutural e com a reforma social.